

MÉDICOS DA UERJ PÕEM À PROVA SISTEMA DE COTAS

Textos: Márcia Vieira / RIO
Fotos: Marcos de Paula / RIO

Primeira universidade pública a formar turma com cotistas mantém qualidade de ensino e índice de aprovação, mas revela mudança sutil causada pela diversidade

Os defensores falam em justiça social. Os críticos invocam a meritocracia. No acalorado debate sobre a política de cotas sociais e raciais nas universidades públicas sobram argumentos por todos os lados. Dois pontos permeiam inevitavelmente a discussão: a capacidade dos cotistas em acompanhar o ritmo das aulas e a possibilidade de queda na qualidade do ensino das universidades.

O Estado fez um levantamento no curso mais disputado (Medicina) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a primeira a adotar as cotas no País. No vestibular de 2004, foram aprovados 94 jovens (43 cotistas). Apenas oito alunos – quatro cotistas – não se formaram em dezembro do ano passado, como previsto.

O Estado localizou 90% dos jovens que chegaram à festança black-tie de formatura: 35 eram cotistas; 44, não. O caminho natural, após seis

anos de faculdade, é fazer residência, o estágio de dois ou três anos em que os médicos se especializam em hospitais universitários ou da rede pública. O desafio é grande. As provas são mais disputadas que o vestibular. Nelas não há sistema de cotas. Passa quem sabe mais. É a meritocracia em estado puro.

Fazer residência garante não só mais conhecimento da medicina como salários melhores no futuro. Dos 35 cotistas localizados, 25 passaram nas provas. Os outros 9 cotistas nem tentaram entrar para residência. Ou porque não sabiam que especialidade escolher ou porque tinham pressa em trabalhar em plantões e ganhar muito mais que os R\$ 2,2 mil da bolsa residência. Médicos recém-formados, mesmo sem especialização e prática, chegam a ganhar R\$ 12 mil por mês, um valor inimaginável para a família de qualquer cotista. Entre os 44 não cotistas, 37 estão na residência.

Na maioria dos casos, a forma de entrada na universidade não influencia na escolha da especialidade. Não há, entre

os cotistas, uma opção majoritária pela medicina de família, por exemplo, que atende prioritariamente à população carente e é mais fácil de passar. Tampouco há entre os não cotistas uma preferência por especialidades que paguem mais e sejam mais difíceis de entrar. É o caso de dermatologia, garantia de bons salários e zero de estresse com emergências. Nessa turma, duas alunas passaram, uma delas cotista.

“Cotistas ou não cotistas, todos têm uma tendência de procurar especialidades que compensem mais financeiramente”, diz o cardiologista Plínio José da Rocha, diretor da faculdade de Medicina. “A gente escolhe a especialidade pelo que gosta de fazer. Não é só uma questão financeira”, rebate o paulistano Thiago Peixoto, de 28 anos, cotista e residente de clínica médica na Uerj. Prova disso é que pediatria, que anda em queda entre os jovens médicos, é a especialidade com o maior número de residentes da turma – são 11, sendo 6 cotistas.

A presença dos cotistas na universida-

PARA ENTENDER

O sistema de cotas da Uerj

94 vagas por ano para Medicina

45% das vagas

são reservadas a alunos que comprovem uma renda per capita inferior a R\$ 960

20% são para negros

20% para alunos de escolas públicas

5% para deficientes, indígenas e filhos de policiais mortos em serviço

de provocou debates acalorados entre os professores, mas o diretor afirma que o curso continua o mesmo. “No início houve receio, mas cobramos igual de todos.” Difícil é avaliar se o nível das aulas foi alterado. “Eu não vejo diferença. Mas há todo tipo de opinião entre os professores”, diz Rocha.

Não há como negar que a mudança no tipo de aluno mexeu com os professores. Antes de 2002, quando começou a política de cotas, passavam para a Medicina da Uerj apenas a nata da elite que frequenta os melhores colégios. Agora, 45% dos alunos são da rede pública de ensino. A diferença na relação candidato/vaga é cruel.

Entre os cotistas, é de 5,33. Entre os não cotistas, de 55,80. A discrepância influencia na nota mínima para entrar na universidade. Um cotista garante a vaga se fizer 41,50 pontos. O não cotista tem de chegar a 75,75.

A discussão sobre a queda na qualidade do ensino com a entrada de alunos que não acertam nem 50% das questões do vestibular chegou ao Conselho Universitário da Uerj. A questão é emblemática. “Somos uma grande universidade porque recebemos os melhores alunos ou uma grande universidade é aquela que pega qualquer tipo de aluno e o transforma num bom médico?”, diz Rocha.

Desempenho. Ainda este ano, a Uerj terá uma pista mais conclusiva sobre a questão. A turma de 2010 fez o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) em novembro. É a primeira com cotistas que passa pela prova do Ministério da Educação (MEC) que avalia os cursos de nível superior. No último, em 2007, a Uerj foi a única do Rio a tirar 5, a nota máxima. A prestigiada UFRJ ficou com 4. Seja qual for o resultado, a Uerj mantém sua filosofia. “O espírito desta escola é a formação de bons médicos. Porque até nós temos medo de quem vai nos atender num hospital”, diz o diretor.

DIVIDIDOS, PROFESSORES EXPÕEM DÚVIDAS E APOIO

Já se passaram seis anos e a frase ainda martela a cabeça dos alunos: “A Medicina da Uerj não é mais a mesma. Não respeito aluno que tira menos que 7. Não respeito cotista.” A bronca do professor, um catedrático da Uerj, logo no primeiro ano da faculdade, foi o exemplo mais explícito da animosidade contra a presença dos cotistas no curso.

A prova que provocou a ira do professor tinha apenas quatro questões discursivas. “Todas difíceis e sobre uma matéria que a gente não tinha estudado”, lembra Flávia Nobre, 24 anos, cotista, que agora faz residência de cirurgia geral na Uerj. Apenas uma aluna, não cotista, foi bem.

Tirou dez. Os outros 93 alunos, cotistas e não cotistas, não passaram dos 3,5.

Na hora, não houve reação. Pesou a favor do silêncio o poder do professor de dificultar a vida de quem contraria sua opinião. “Eu sei que é uma posição submissa, mas a gente precisa se formar. É uma reação de sobrevivência”, diz Euclides Colaço, cotista.

A melhor resposta foi o desempenho da turma ao longo do curso. “Se a turma é boa, ela conquista o respeito do professor. A nossa turma sempre se dedicou e provou quando necessário que era muito boa”, avalia Felipe Bessa, não cotista.

Como a decisão de aceitar cotistas não foi discutida pelo Conselho Universitário da

Igual. O diretor do curso de Medicina da Uerj, Plínio José da Rocha: ‘Reprovação não aumentou’



Uerj e sim imposta por uma lei estadual, os professores contrários ao sistema não gostam de falar abertamente sobre o assunto. “A entrada tem de ser por mérito. Cotista é uma farsa”, diz um professor com mais de 20 anos de Uerj, que não quis se identificar.

O diretor da faculdade, Plínio José da Rocha, não discute se o sistema é bom. “Lei se cumpre e se tenta que as coisas andem o melhor possível.” Mas afirma que o curso não piorou. “A Uerj não precisou mudar para receber os cotistas. Também não houve um aumento de reprovação.” A essência do curso pode não ter mudado, mas a universidade ficou diferente. “Primeiro porque a turma ficou mais colorida com a presença de mais negros”, diz Renata Aranha, ginecologista e diretora de extensão da Uerj. Renata percebeu também que os alunos passaram a perguntar mais nas aulas. “Não me importo em explicar a mesma coisa três vezes. Não sei se os que perguntavam eram cotis-

tas ou não. Mas a minha sensação é de que antes os alunos tinham vergonha de perguntar.” Renata é a favor das cotas. “Acredito nas políticas afirmativas, mas elas precisam ser temporárias e utilizadas sem distorções.”

Para ela, o maior mérito das cotas na Medicina é mudar a imagem do negro na sociedade. “Quando você chega com dor num hospital e quem te salva é um negro, isso ajuda a transformar a imagem da população em relação à raça.”

O vice-diretor André Melgaço ressalta o empenho dos cotistas e espera com ansiedade o resultado do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), para avaliar se a Uerj mudou. “Um grande número de cotistas demonstra um esforço compensatório que os fazem atingir conceitos suficientes para colarem grau. Muitos alunos não cotistas, de colégios considerados de bom padrão, não mostram essa dedicação e acabam com notas inferiores às de cotistas.”